

# O desafio de recuperar a economia

O primeiro dia de debates estava chegando ao fim, quando o ministro Carlos Lage começou sua intervenção diante de um auditório completamente lotado.

Falando pausadamente, Lage trouxe um amplo panorama da situação econômica do país, começando por lembrar que não só 85% do comércio exterior cubano desapareceram da noite para o dia com o fim da União Soviética, como também todas as fontes de crédito externo e de financiamento.

“A ruptura abrupta de relações econômicas privilegiadas com o bloco socialista, construídas ao longo de mais de 30 anos, está exigindo um reordenamento econômico e diferentes concepções estratégicas de desenvolvimento em busca de novos mercados”, afirmou.

A reorganização do aparelho produtivo inclui uma série de medidas, como a redução de ministérios e uma maior autonomia para que as empresas possam administrar suas finanças e negociar contratos com o mercado externo.

A abertura ao investimento estrangeiro, aliás, se tornou um das bases desse processo. “Embora o decreto-lei que fazia referência a essa possibilidade seja de princípios da década de 80, foi a partir de 1989-90 que se decidiu impulsar, como uma necessidade, o investimento de capital em Cuba.”

Segundo Lage, esse processo está avançando, “embora não ao ritmo que nós gostaríamos”. Até o momento, já se constituíram 165 associações econômicas de diferentes tipos, com capitais procedentes de 35 países.

O grande problema, enfatizou, é que foi nesse momento de crise que irrompeu, com mais força que nunca, um fator até então atenuado pelo comércio com a URSS e Leste europeu: o bloqueio decretado pelos Estados Unidos há 30 anos

*“O conjunto de medidas tomadas pelo governo para recuperar o equilíbrio financeiro do país começaram a dar resultados nos últimos meses”*

e reforçado em outubro de 1992 através da Lei Torricelli. “Existem estudos que tentam calcular as perdas causadas à nossa economia com o bloqueio – alguns cálculos falam de mais de 40 bilhões de dólares –, mas de fato é impossível medir a extensão do prejuízo, principalmente no contexto surgido após 1989”.

**O impacto sobre o açúcar e o níquel** – Apesar dos esforços feitos pelo governo para adaptar sua economia à nova realidade, a situação continua difícil. Segundo o ministro, o açúcar e o níquel, duas das principais fontes de renda do

país, ainda não conseguiram se recuperar do impacto sofrido a partir de 1989.

“Exportávamos mais de 4 milhões de toneladas de açúcar para a União Soviética; repentinamente, essa cifra caiu para um milhão. Naquele momento, estávamos produzindo acima de 7 milhões de toneladas anuais. Corríamos o grave risco de não ter compradores para nossa produção ou de que esse açúcar fizesse os preços no mercado internacional caírem ainda mais, com gravíssimas conseqüências para nossa economia.”

Hoje, nem a atual valorização do açúcar conseguiu reverter esse quadro, pois “os chamados preços do mercado mundial valem para apenas 20% do açúcar comercializado no mundo”, explicou. Por outro lado, “é um preço que está muito acima do que podemos vender. Em função das restrições econômicas que sofremos (leia-se bloqueio), nossos produtos têm que ser oferecidos com desconto para poder ser comercializados”.

Outros fatores, lembrou, também criam problemas na hora de se negociar o preço das mercadorias cubanas, como a lei norte-americana que proíbe barcos que tenham aportado em Cuba de atracar por seis meses em portos dos EUA.

No caso do níquel, 70% eram exportados para a URSS e os países socialistas, comércio que foi completamente suspenso. “De um dia para outro, nos vimos diante da ameaça de não ter mercado para nosso segundo produto de exportação. A União Soviética interrompeu não só a sua importação, como também o fornecimento de peças de reposição e a assistência técnica, vitais para manter em funcionamento a principal usina de níquel cubana.”

Com as portas do campo socialista fechadas, Cuba foi obrigada a buscar novos compradores. O mercado de níquel,



A escassez de alimentos foi atenuada com a venda direta ao consumidor

porém, "está dominado por um pequeno número de transnacionais, muitas das quais com importantes relações com os Estados Unidos. Aliás, no mercado norte-americano, está proibido entrar não só o níquel cubano, como o aço feito com níquel produzido em nosso país", revelou.

**Petróleo e turismo** - Um dos calcanhares de Aquiles da economia - a questão energética - também foi abordado pelo ministro durante o encontro.

Com a suspensão dos acordos de importação de petróleo da União Soviética, a economia cubana, que consumia 13 milhões de toneladas de combustível, foi obrigada a funcionar com apenas seis milhões. Entre as soluções de curtíssimo prazo, passou-se a incentivar o uso em massa de bicicletas: "Hoje, mais de 1 milhão e 700 mil bicicletas estão circulando no país".

Cuba também precisou recorrer à tração animal, porque "nossa agricultura estava baseada principalmente em uma grande mecanização e no uso de fertilizantes, ou seja, de produtos químicos derivados do petróleo".

A médio e longo prazos, várias iniciativas vêm sendo tomadas para contornar a crise energética, mas, apesar de Cuba ter oferecido as mesmas condições dadas no mercado internacional para que empresas internacionais invistam na área de exploração, perfuração e produção de petróleo, o país enfrenta muitas dificuldades para atrair investidores.

As grandes companhias dedicadas a esta atividade, explicou o ministro, não investem em Cuba por causa do bloqueio imposto pelos Estados Unidos. "A exploração de petróleo é uma atividade que requer grande capital e tecnologia avançada. As companhias pequenas e médias, que conseguem romper o bloqueio, precisam de um tempo maior para obter resultados, além do que têm muito menos possibilidades de assumir riscos, como fazem as grandes empresas. Enfim, por causa do bloqueio, esse processo está avançando de forma muito mais lenta do que necessitaríamos", lamentou.

O bloqueio também tem dificultado a Cuba buscar novos parceiros que lhe permitam concluir a construção da usina nuclear de Juraguá, projeto suspenso - como muitos outros que haviam

sido acertados com os soviéticos - após a reestruturação das relações econômicas entre os dois países.

"Para Cuba, essa usina é estratégica, porque nossa produção de petróleo é muito pequena". De fato, Juraguá representaria um grande passo para a superação da atual crise energética: quando estiver pronta, segundo informou o ministro, a usina terá condições de gerar de 800 a 900 megawatts de energia (no momento a capacidade instalada do sistema cubano é de 3.000 megawatts).

O primeiro reator já está quase 80% pronto. "É importante ressaltar que nós utilizamos a mesma tecnologia usada na Finlândia, posterior a Chernobil. Ou seja, a construção não foi interrompida por questões de segurança, já que ela atende a todas as normas internacionais, mas pela situação criada após o fim da URSS", fez questão de esclarecer.

Por outro lado, o que está caminhando a passos largos é o impulso à indústria turística, uma área com enorme potencial, dadas as condições naturais da ilha. Esse esforço já está produzindo resultados palpáveis: "Em 1994 recebemos mais de 700 mil turistas, o que significou mais de 900 milhões de dólares de receita."

Segundo Lage, tanto o turismo quanto a produção de petróleo tiveram uma recuperação em relação ao ano anterior (1993). "Porém - admitiu - não podemos dizer que estamos em um momento de recuperação da economia do país, nem em um momento de superação definitiva dos obstáculos e dificuldades com que temos no deparado."

**A produção de alimentos** - Outro grave problema em Cuba - a escassez de alimentos - está sendo enfrentado, entre outras medidas, com o estímulo a uma maior presença da força de trabalho no campo. Na avaliação de Lage, as condições dadas pela revolução para a população estudar e se aperfeiçoar profissionalmente terminaram contribuindo para esvaziar o campo.

"Mas temos buscado fórmulas que



A oferta de combustível caiu drasticamente após o fim da URSS

estimulem de maneira mais direta e imediata o trabalhador agrícola. Para isso, transformamos, em pouco mais de um ano, mais de 2 milhões de hectares de terras do Estado em Unidades Básicas de Produção Cooperativa."

Outra importante iniciativa foi a liberação da venda de uma parte da produção dos agricultores diretamente ao consumidor. Apesar dos altos e às vezes exorbitantes preços cobrados pelos agricultores, a liberação deu um certo alívio à população, pois aumentou a oferta de alimentos.

Algumas medidas, porém, não foram tão bem recebidas, como a elevação de preços de produtos não-essenciais, a cobrança de tarifas de serviços até então gratuitos - excluindo áreas como saúde e educação -, a criação de impostos e o estabelecimento de uma legislação trabalhista mais rigorosa.

"Essas medidas, que buscam o equilíbrio financeiro necessário para o êxito econômico e a recuperação do país, começaram a dar resultados nos últimos cinco meses. Pela primeira vez nesses anos, se reduziu o dinheiro circulante - em mais de 1 bilhão e 300 milhões de pesos - e cada vez se recolhe mais dinheiro de circulação."

Apesar do enorme desafio de tentar recuperar a economia, Carlos Lage não é pessimista. "Além dos resultados concretos em alguns ramos da economia, existem condições que foram sendo criadas nesses anos que nos permitem ter uma previsão otimista do comportamento de outros setores importantes da economia do país. Mas não podemos esquecer que todo esse esforço está sujeito às pressões do bloqueio dos Estados Unidos e às circunstâncias complexas em que se desenvolvem nosso comércio e nossa abertura ao investimento estrangeiro no país", concluiu. ■